

LETRAS ACADÊMICAS

SUPLEMENTO CULTURAL DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

ANO II

Nº 10

Julho-Agosto 93

EDITORIAL

O rio da vida corre entre margens plenas de fortuna algumas vezes e outras eivadas de desenganos e escolhos. Mas ela é sempre uma esperança e todos nós, viventes, fitamos o azul de nossos ansêios, sem nos apercebermos de que tudo está envolto nas cortinas do tempo, tempo que vai e tempo que vem, tempo que não pára nunca e que nos dirige como se fôra o piloto da eternidade. Não temos escapatória e vamos seguindo o rumo que o destino de cada um traçou na rosa dos ventos, para ser cumprido à risca. Nascer, viver, sonhar, produzir, realizar é como uma árvore que nasce do chão e se lança na direção do céu, atinge por fim a culminância de seu existir e fenece, como fenecem todas as ilusões.

Mas nada disso impecilha o viver humano e na persistência da luta cotidiana para alcançar o ideal que todos construímos no imo de nós mesmos, está a verdadeira função que o homem tem a desempenhar. Nada de esmorecimentos, nada de fraquezas, nada de desespero mas, ao invés, há que erguer a cabeça e enfrentar com coragem e galhardia os tropeços que a vida se nos apresenta, sempre como forma de testar a resistência do ser.

Nos dias passados, a Academia sofreu os vagalhões de mares revoltos e se protegeu no silêncio para melhor atravessar as intempéries. Hoje, superados os entraves, ressurgue como o centro cultural amazonense e aliás como sempre foi, projetando-se no cenário como o orientador dos trabalhos intelectuais. Reassume seu papel e busca realizar uma tarefa que é a sua própria razão de ser, trabalhando, divulgando, publicando, tudo com o objetivo de corresponder aos que a idealizaram. E nesse afã vai prosseguindo em seu caminho, buscando a consecução de seus propósitos.

Oyama Ituassú

CARLOS ALBERTO DE ALMEIDA BARROSO

Por ocasião de seu falecimento em 20 de fevereiro do corrente ano, o acadêmico Carlos Alberto de Almeida Barroso recebeu de seu filho Carlos Barroso comovedora homenagem, que merece ser transcrita.

Ei-la:

Um homem notável

No dia 20 de fevereiro, próximo passado, o Amazonas perdeu um dos seus filhos mais ilustres. Nascido em 15/11/1918, no município de Manacapuru, Carlos Alberto de Almeida Barroso foi um homem de inteligência, sensibilidade, humanidade, e talento, incomuns.

Católico fervoroso, fé em Deus inabalável, seu otimismo, esperança no futuro e astral elavadíssimo, contagiam a quantos dele se aproximassem.

Advogado, professor de filosofia, jornalista, escritor, juiz de direito, orador inspirado, poliglota, amante dos esportes, das artes, da liberdade e das pessoas, em especial, desde muito jovem, já despontava como líder e figura marcante de sua geração. Exerceu o magistério, em diversos estabelecimentos de ensino de Manaus, tendo sido diretor do Colégio Estadual do Amazonas. Jornalista dinâmico, inspirado, polêmico e personalíssimo, tendo colaborado em todos os jornais de Manaus, era um defensor nato das causas dos mais humildes e abordava com clareza e estilo, os problemas da sociedade.

Como advogado, teve destacada atuação em diversos setores, ganhando o carinho e o respeito dos amazonenses, pelas suas relevantes participações na luta pelos direitos humanos.

Aprovado em primeiro lugar no concurso para juiz de direito do Amazonas, continuou sua carreira com a mesma garra, lucidez, caráter e brilho, estreitando ainda mais seus laços com o povo, através do dia-a-dia com o caboclo do interior.

Membro da Academia Amazonense de Letras, tinha um gosto especial pela literatura e pelo convívio literário com os seus conterrâneos, do qual nunca se afastou.

Em meados dos anos 60, desgostoso com os rumos que a ditadura militar impunha à política do seu Estado, da qual

era participante ativo, mudou-se com sua família, para o Rio de Janeiro, sem no entanto, perder nunca o contato, as raízes e o amor pela terra natal, a qual visitava com bastante frequência.

No Rio, depois de aposentar-se como juiz e eficiência intelectual.

Apesar da imensa bagagem cultural, incluindo o conhecimento de grande parte do mundo, era homem de simplicidade e humildade únicas, tratando a todos com igual respeito, sabedoria e humanidade, sem quaisquer preconceitos e distinções de classe, raça ou religião.

Esposo amantíssimo, era casado com d. Maria Carolina, mineira, sua companheira inseparável por 45 anos. Pai dedicado e amigo, de Carlinhos Barroso, músico popular e poeta; Maria José, advogada, Ana Amazonas, juíza de direito e José Evandro, profissional da área de comunicação, todos amazonenses, tinha com eles uma relação de muito diálogo e amor.

Amigo querido e leal, entusiasta da convivência alegre e festiva, abria sempre as portas de sua casa para reuniões e encontros, com muita música, gostosos petiscos e drinks e arte de bem receber, na qual ele e sua esposa pontificavam, deleitando sempre os que tivessem o privilégio de sua companhia.

Tinha um orgulho enorme de ser amazonense, e, recentemente, o destaque de sua terra natal nos meios de comunicação, trazia-lhe incontida satisfação.

Nos últimos tempos, fazia entusiásticos planos para um novo livro, quando inesperadamente adoeceu e veio a falecer.

Perdi eu, meu pai, meu maior amigo, meu guia espiritual e mental; perdi minha família, seu grande líder; perderam o Amazonas, o Brasil e este planeta Terra, um homem notável, um dos filhos que mais dignificaram a raça humana.



FUNDADA EM 1º DE JANEIRO DE 1918
ACADEMIA AMAZONENSE DE
LETRAS

Presidente

Oyama César Ituassú da Silva

1º Vice-Presidente

João Chrysostomo de Oliveira

2º Vice-Presidente

Robério dos Santos Pereira Braga

Secretário Geral

Octávio Hamilton Botelho Mourão

Secretário Adjunto

Manoel Bastos Lira

Tesoureiro

Ruy Alberto Costa Lins

Bibliotecário

Max Carpentier

EXPEDIENTE

Letras Acadêmicas é um informativo Bimensal da Academia Amazonense de Letras.

Diretor: Oyama César Ituassú da Silva

Revisor: José Ribamar do Nascimento Araújo

Impressão: Gráfica da Imprensa Oficial do Estado do Amazonas

Endereço: Academia Amazonense de Letras
Rua Ramos Ferreira, 1009
Telefone: (092) 234-0584
CEP. 69.025-010
Manaus - Amazonas
Brasil

MEU PATRONO

Padre Nonato Pinheiro

Meu patrono na Academia Amazonense de Letras, o supereminente João Ribeiro, foi um dos maiores sábios do Brasil, polímato e polígrafo. Prosador, poeta, gramático, filólogo, historiador, pensador e ensaísta, era de uma polimatia verdadeiramente prodigiosa e assombrosa. Entendia de tudo e acerca de tudo discorria com lucidez e profundidade. Foi um intelectual que tinha o horror da vulgaridade e do superficial.

Nasceu em Sergipe, o mesmo Estado natal de Sílvio Romero Tobias Barreto e Laudelino Freire. Transferido para o Rio de Janeiro, lá instalou sua mesa de estudos e sua cátedra. Foi um sábio que pontificou para todo o Brasil. Cateadrático de português e História. Os jornais e revistas de cultura disputavam suas colaborações, porque tudo o que lhe brotava do cálcamo era ouro de lei, com pedrarias faiscantes!

É fabulosa a produção li-

terária de João Ribeiro, assim em livros como na imprensa. Sua bibliografia é um armorial de brasões esplendentes. Citarei algumas de suas obras: "Gramática Portuguesa" (curso primário, médio e superior), "História do Brasil" (cursos primário, médio e superior), "Autores Contemporâneos", "Seleta Clássica", "Morfologia e Colocação de Pronomes", "Dicionário Gramatical", "Frases Feitas" (2 volumes), "Páginas de Estética", "Páginas Escolhidas da Academia Brasileira", "Avena e Cítara", "Falborgão", "História Antiga, Oriente e Grécia", além de outras.

Em sua obra suculenta "Páginas de Estética", há um capítulo admirável: "Como versar os clássicos", cuja leitura muito recomendaria aos novos, que surgem com a ânsia bendita de ler e saber.

Pontifica João Ribeiro: "Os nossos clássicos escreviam com lenteza e com vagar é que

compunham. Não podem, pois, ser devorados dum trago como os livros de hoje improvisados num lanço".

Rui Barbosa muito reverenciava a cultura humanística e o preparo gramatical e filológico do preexcelso sergipano. Citou-o em sua famosa "RÉPLICA", entre suas abonações, 21 vezes. Menciono esta citação: "Tenho em muito a competência de Pacheco, Lameira e João Ribeiro". (nº 363).

João Ribeiro pertenceu à Academia Brasileira de Letras, cadeira nº 31, sucedendo a Luís Guimarães Júnior. Foram seus sucessores na poltrona: Paulo Setubal, Cassiano Ricardo e José Cândido de Carvalho. Honro-me em tê-lo como patrono e em esforçar-me por imitá-lo no horror à vulgaridade literária e no culto acendrado do vernáculo e do saber, que nele encontrou um reluzente astro!

SEARA DE POETA

Araújo Neto

OBSESSÃO

Nesta insana carreira, na vertigem
de teus passos, buscando a perfeição,
quanto mais corres mais correr exigem
as altas ambições do coração.

Forças estranhas, de estranha origem
e a fé, e os sofrimentos e a ilusão,
e os sonhos e a esperança te dirigem
para o Sinais da glorificação.

E vais, na senda dos desejos loucos
de olhos fechados e de ouvido mouco,
sem pensar no final da trajetória.

Porque tens a obsessão das culminâncias
e o místico fascínio das distâncias,
em teu anseio cósmico de glória!

O POETA E A ÁRVORE

Árvore amiga! Quanta semelhança
vejo entre o meu e o teu destino! Vamos
no mesmo esforço inútil da esperança,
na mesma ânsia de azul nos irmanamos!
Tu- na alegria festival dos ramos
Eu- no ardor da ilusão risonha e mansa,
a atitude mais alta procuramos,
nas horas de aflição e de bonança.
Vamos assim, em plena adolescência
dos nossos corações, na florescência
da vida aberta em cheio aos ideais;
Tu-presa ao solo pelas tuas raízes
eu- á mágua dos sonhos infelizes,
ambos golpeados pelos vendavais.

A MANIFESTAÇÃO POÉTICA DE PAULO JACOB, PUBLICADA SOB O PSEUDONIMO DE PAUMARI.

1. UM ESTURRO NA NOITE

Tédio. Noite brusca, a brenha muda
sem gemidos, sem pios, adormecida
Somente os grilos, as rãs denotam vida.
No resto, a matéria é queda e surda.

Distante, às vezes, uma inambú desbuda
a calmaria, instantes é vencida
Gotas de som, na mata dolorida
Perdidos no vazio, do medo em tudo.

De súbito a mudês, tudo é quieto
nem um bulir mais leve dos insetos
Tementes ao seu rei, a própria sorte:
Ao longe berra a onça irrequieta
É o rei que em sua fúria á descoberta
No carniceiro grito traz a morte.

NOTAS ACADÊMICAS

A Academia abriu inscrição para preenchimento das poltronas 2 (Euclides da Cunha), 3 (Gonçalves Dias), 6 (Adriano Jorge) e 35 (D. Frederico Costa).

À poltrona 2 concorre Moacir Andrade, para ocupar a poltrona 6 está inscrita a dra. Rosa Mendonça de Brito e para a de nº 27, o jornalista escritor Arlindo Porto.

Não houve candidato à poltrona 3, cujo patrono é Gonçalves Dias.

Para apreciar as candidaturas, a Academia reunir-se-á em breve em assembléia geral.

2. RESIGNAÇÃO

A Álvaro Maia

Sem ódios, sem pecados, sem vingança
Remiras o presente confortado
Confiante do que por Deus seria dado
O dia da justiça, a esperança.

Pouco esperaste, és forte de bonança
Por ingratos servido e relegado
Os primeiros a acusar o condenado
Nas horas aflitivas da mudança.

De injúrias do passado redimido
Sabem todos que muito tens sofrido
Sem máguas num silêncio tão augusto
Hoje nas ruas passas apressado
Alguém se abala, com cumprimento envergonhado
De perdões, de atirar pedras num justo.

As posses dos acadêmicos eleitos Antisthenes Pinto e Aureo Nonato, deverão ocorrer em setembro e novembro próximos, estando designados para recebê-los os acadêmicos Elson Farias e Paulo Jacob.

A Academia está organizando sessão especial de homenagem aos seus membros recentemente falecidos Ulysses Bittencourt, Carlos Alberto de Almeida Barroso, Arthur Reis e José Lindoso. A programação já está sendo elaborada, assim como os acadêmicos que deverão falar sobre os homenageados.

A diretoria resolveu outorgar o título e diploma de Grande Benemérito ao governador Gilberto Mestrinho, em razão dos excepcionais serviços prestados à Academia Amazonense de Letras.

A entrega do diploma será feita em solenidade no Palácio Rio Negro, em data a ser oportunamente designada.

Padre Nonato Pinheiro

Sacerdote da Arte do Pensamento!

Leôncio de Salignac e Sousa
(Da Academia Amazonense de Letras)

Foi Smiles quem, conceituando o livro, o estimou a um monumento de maior durabilidade aos efeitos eversivos do tempo. É que, segundo êle, encerra os melhores pensamentos, disponíveis pelo autor e, sempre, quando a beleza das palavras se concilia à preciosidade dos ensinamentos, sublima-se no duplice papel de fiéis companheiros e consoladores.

Sôbre a minha mesa de estudo e de labores, tenho a biografia de D. João da Mata, traçada, em um volume, pelo acadêmico padre R. Nonato Pinheiro, e cuja obra, sem exagero, está dentro da opinião do fulgurante e inescutível pensador que, na paisagem de suas criações mentais, bastando citar-se o famoso perfil de Wellington, revelou, a um tempo, o talento fecundo e um singular espírito de analista.

O jovem cintilante biógrafo amazonense, que possui também a grande eloquência, virtude que, na formosa imagem de Tácito, no "Diálogo dos Oradores", "como a chama se alimenta da matéria, se excita com o movimento, e queimando, cintila", não é um estreatante. Não! O acadêmico padre Nonato Pinheiro, como se faz conhecido nos círculos da intelectualidade amazonense, alongando-se-lhe o prestígio da inteligência e a exuberância da mentali-

dade, vigorada por incontestável lastro de cultura humanista, nas assembléias de maior requinte do pensamento brasileiro, ainda em meio ao período da mocidade apresenta-se com livros outros e algumas centenas de artigos, de variados gêneros literários, ensaios vernaculares, discursos e análise ou críticas derredor de autores e obras, divulgados na metrópole de nosso Estado. Nêle, há um espírito mesmo de ostensiva avareza de encômios, sem que preciso se torne demorada observação, a uma simples palestra ou a um ligeiro passeio de olhos aos seus escritos, se enleiam os pendores múltiplos de um perquiridor dos mais intrincados dogmas da Arte, abrangendo o beltrismo, a oratória, a prosa, a crítica equilibrada e construtiva e, por que não, o poeta, revelando-se na alegria de suas produções orais ou grafadas. Já ressaltava o fascinante Musset que "a poesia está na alma, como o rouxinol está na ramagem" e, completando-lhe a forma interpretativa com a de Richter "é o perfume que, ao evaporar-se deixa, em nossa alma, a essência da beleza". Apreciada a prosa do insigne polígrafo, construtor de uma sugestiva Galeria de suntuosidades literárias, aí temos, em coloridos magníficos, tôdas as características poéticas. Bem a propósito, avançamos uma concepção psi-

cológica sôbre aquêles que erigem, no mundo da literatura, a catedral de suas meditações ou a mansarda do recolhimento espiritual. Nenhum escapa à sensibilidade dos painéis, oferecidos pela Natureza ou à emotividade de certos episódios da vida humana; daí, uma espécie de vôo da alma às alturas donde, como o condor que procura as cristas das montanhas, para o conforto próprio, possa melhor perceber, em tôda a extensão, as tragédias ou os dramas ou inspirar-se nos motivos topográficos.

Em "DOM JOÃO DA MATA", esplendem as lucilações poéticas com que, fazendo prosa, o acadêmico padre Nonato Pinheiro, esmalta o "BERÇO, VOCAÇÃO E SACERDÓCIO", do saudoso Bispo do Amazonas, falecido na Diocese Fluminense. Lembrando-lhe as origens humildes, filho de pais sertanejos, desabotoando-se-lhe a vida num município longínquo de Pernambuco, a ascensão a um dos postos máximos do sacerdócio católico romano, segundo ouvira o escritor de Dom João da Mata Andrade e Amaral, não o deixara esquecido dos encantos daquelas regiões. E', então, que o biógrafo se revela em tona romântica, como se êle mesmo se sentisse tocado das revocações saudosas! Não pôde esquivar-se

à influência do dedilhar da Lira de Casemiro de Abreu, recordando-lhe os primeiros versos de um de seus hinos mais doces às pulcritudes da Natureza Brasileira! Fê-lo, quando se reporta às solenidades do jubileu de prata do ilustre homenageado. Daí por diante, focaliza o zêlo acendrado do inesquecido Chefe de nossa Diocese no curso de sua fecunda e pompeante trajetória sacerdotal, desde simples vigário, durante quase três lustros, à responsabilidade de Secretário do Bispo de Nazaré, desde a chefia da Diocese do interior nordestino à de duas importantes capitais, Manaus e Niterói. Aqui e alhures, salienta o escritor, dom João da Mata, como o chamavam seus diocesanos, orientava suas atividades em dois objetivos: aumentar os legionários da Igreja, pela ordenação de moços, em cujas corações levava êle a flama rubente e sedutiva da Fé e, ciliciosamente, pelos árduos misteres, tão árduos quanto sublímificadores e instituir obras de caráter social-cristão. Na cidade, o expediente, ainda que oneroso e complexo, não o impedia de praticar e assistir aos exercícios relacionados diretamente ao sacerdócio e, além disso, pelos bairros e subúrbios, numa simplicidade beneditina, lá se ia incentivando e executando planos humanitários! Nos sertões, as intempéries não o compeliavam a abrigar-se, nem o intimidavam a prosseguir as caminhadas, como se, em seus ouvidos, ressoasse, a todos os instantes, aquela advertência de Jesus a Pedro, quando êste tergiversou no sacrifício pela glória eterna do estro e de sua doutrina! Nem mesmo as perturbações circulatorias, ameaçando-lhe a vida a tôdas as horas, o desanimavam. Ao revés, parecia que, sa-

bedor de suas condições personalíssimas, pressentindo um fim prematuro, como, na verdade se verificara, lhe impedia aproveitar os minutos, os segundos, para a efetividade de suas santas aspirações.

Revocando a oração de despedidas aos fiéis, ou melhor ao povo do Amazonas, proferida por Dom João da Mata, o acadêmico padre Nonato Pinheiro, mais uma vez, esteriotipa a alma do poeta, sobrecolorindo a reconstituição do momento assim tão impressionantes, das tintas violáceas da saudade que não se esmaece nunca, que não se atenua na alma de nossa gente!

Prossegue na análise do idealismo de Dom João da Mata, abrindo-se, na Diocese de Niterói, em novo ciclo de realizações frutíferas e imperecíveis e refletindo-se em exemplos muito oportunos na consciência de quantos lhe ouviam a palavra e presenciavam os milagres de sua vontade disciplinada e empreendedora. Se o relêvo da posição o favorecia para alcançar determinados objetivos, mas o que, em verdade, lhe trazia aquela copiosa soma de recursos materiais e o prodigalizava de invencíveis forças morais eram as qualidades ou os atributos exornativos de sua personalidade. Pouco lhe importavam as crenças ou os princípios filosóficos de uns e de outros, desde que, solícitos, colaborassem, trazendo, à Igreja, os elementos carecedores à ampliação de seu Império no espírito das coletividades. O "amai-vos uns aos outros", constituía legenda de seu estandarte episcopal e, praticando-o a rigor, acabava reunindo, sob o prestígio de sua autoridade e pelo fascínio envolvente ou irresistível, irradiado de sua Bondade, uma população inteira. Sim,

na totalidade afirmamo-lo, tão raros os indiferentes, e, não, rebelados, porque essa fração mínima em nada poderia influir.

Fizera-se, desde os primeiros passos na caminhada de pastor de almas, um modelador de corações, um reformador de consciências, um dominador de espíritos, vencendo pelo trabalho profícuo e eternizado seu nome na colunata dos valores da Igreja a que consagrara a vida, dando-lhe em holocausto para sua glória.

Eis o perfil e a obra de Dom João da Mata na elegância das imagens, e na honestidade dos conceitos do festejado escritor e vitorioso homem de pensamento que é o acadêmico Padre Nonato Pinheiro! Aureolando o inolvidável Bispo do Amazonas nas páginas que compõem sua biografia e as quais se assemelham a uma coroa de apoteóticas fulgurações estelares, prestou-lhe a mais eloquente das homenagens, mantendo-o redivivo num livro a que se pode ajustar o conceito balzaqueano: - "Um livro formoso é uma vitória alcançada em todos os campos de batalha do pensamento humano!"

Mais um triunfo conquistado, pela intelectualidade amazonense, através o talento aristocrático e a cultura soberba do acadêmico padre Nonato Pinheiro, que simboliza um dos legítimos embaixadores do moderno pensamento brasileiro; e, por isso mesmo, pode o jovem polígrafo ostentar em seus braços de príncipe das letras a legenda vergiliana: - "A virtude é mais agradável se vier junto à beleza". Em meio à sua erudição e à sua inteligência polimorfa, faz êle em desvelos permanentes, o culto à Arte que é o Tabernáculo da Beleza!

“ITA DIIS PLACUIT”

Farias de Carvalho

Venho de saber, por intermédio de meu mui querido irmão poeta Jorge Tufic, que um outro irmão, também muito querido, foi eleito para a Academia Amazonense de Letras, em justíssimo reconhecimento aos seus luminosos dotes intelectuais.

Refiro-me ao escritor Antísthenes Pinto, sem dúvida alguma um dos grandes expoentes das letras amazonenses de todos os tempos. Poeta emérito, romancista consagrado, contista de mérito indiscutíveis, ensaísta de elevada capacidade de análise, com visão crítica profunda e criteriosa, o nosso novo imortal exerce uma atividade literária verdadeiramente paradigmática, com uma dedicação ao seu ministério intelectual merecedora de todos os encômios.

Conheço Antísthenes Pinto há mais de quarenta anos. E não me lembro, ao longo de todo esse tempo, de tê-lo encontrado, um dia sequer, que não fosse voltado para as lídes da sua criação literária e artística, estudando, pesquisando temas e motivos, fazendo sempre da própria vivência um manancial inesgotável de inspiração, para o labor espinhoso, difícil, de recriar o viver comum, em todas as suas nuances, nas

latitudes misteriosas do supracorreal, com os toques mágicos e estelares da arte verdadeira, que apesar de estar enraizada nas indissociáveis motivações humanas, nada tem a ver com a lógica dita racional, como a entendemos comumente.

Hierofante desse sacerdócio que o mundo cada vez despreza mais, Antísthenes Pinto tem sabido se manter imune aos avanços dessa avalanche de materialismo brutal, impiedoso, que a tudo vai levando de roldão, destruindo valores, desrespeitando tradições seculares, negando a supremacia e a predominância do espírito, e transformando a estupidez, a iconoclastia, a bestialidade, no bezerro de ouro dos cultos da modernidade, como bem o diz Antísthenes no magistral poema "Concertina nº 5".

"as patas dos felinos me acompanham/ e acendem sulcos no meu quase riso,/ arranhando o espaço feito em vidro/ onde rugem os girassóis desta loucura./ Retorno ao ninho embora sendo fera/para o veludo absurdo dos incêndios/e entre farpas mastigo a primavera/ que o meu outono tenta construir./ A noite que me habita é o mundo em queixas/ a transferir-me pântanos e engo-

dos,/ patas e espinhos, fel e po-dridão,/ sem saber que essas patas riscam sépalas,/no abismo em guelras do meu coração./ Patas, patas de mim, trazei-me as *naus*/ desse vosso noturno velejar,/ quero ser o repasto aracnídeo/ em que me sorvo no desastre claro/ de me reconstruir no verbo amar./ As minhas patas são jardins alados/onde adormeço Deus nos meus pecados!".

Seria de praxe, bem o sei, meu irmão Antísthenes, enviar-te os meus parabéns, as minhas congratulações, pela tua merecida entrada na imortalidade acadêmica. Mas eu não o farei. Ao invés, reservo-me o direito de transferir essas congratulações à Academia Amazonense de Letras, pelo prêmio que vem de receber o prêmio de poder contar, de agora em diante, com a fulguração do teu talento, com a luminosidade da tua capacidade criadora, com a autenticidade da tua condição de escritor, de poeta verdadeiro, cuja presença, naquela ambiência respeitável, há de representar uma cintilação de ouro a iluminar, ainda mais, aquele cenáculo maravilhoso.

Parabéns, portanto, à nossa Academia de Letras e aos seus eminentes membros, pela magnífica aquisição, na certeza de que Antísthenes Pinto há de engrandecer ainda mais as suas mais belas tradições de cultura, de beleza artística, de elevação espiritual.

* Assim aprouve aos deuses

